

**Sobre o *Status* Morfofonológico e Prosódico das Formas
Verbais de Futuro em Português Arcaico***

**On the Morpho-Phonological and Prosodical Status of the Future
Verb Forms in Archaic Portuguese**

Gladis MASSINI-CAGLIARI**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP-ARARAQUARA)

RESUMO

O objetivo do presente artigo é discutir o *status* morfofonológico das formas verbais de futuro em Português Arcaico, a partir de evidências provindas de seu comportamento prosódico: se formas simples, constituídas a partir da flexão regular da base, ou se formas compostas, constituídas a partir da junção do infinitivo com um auxiliar flexionado. Apesar de tradicionalmente as formas verbais

* Durante a nossa lua de mel, meu marido Luiz Carlos Cagliari e eu decidimos fazer uma visita à Biblioteca Nacional de Lisboa, onde adquirimos um livro que mudaria, posteriormente, o curso de toda a minha vida acadêmica. Esse livro era o fac-símile do **Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa**, editado em 1982 pela própria Biblioteca e pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Naquela época, eu acabara de terminar minha dissertação de Mestrado, em Fonética Acústica, sobre o acento do Português Brasileiro. Depois da aquisição desse livro, voltei meus estudos para a Linguística Histórica, investigando a “música” da nossa língua no passado, especificamente no período arcaico. Embora eu nunca tenha sido aluna de Luiz Carlos, a convivência deixa, inevitavelmente – e desejadamente, neste caso –, marcas e influências. Por este motivo, ao escrever um artigo em homenagem ao investigador além do marido, este não poderia deixar de tocar em duas das suas (e minhas) paixões: o estudo da Língua Portuguesa em seus períodos passados e a prosódia.

** Sobre o autor ver página 104.

de futuro serem consideradas como simples, a sua pauta prosódica sugere que se trata de compostos. Também sustenta a consideração de sua natureza como composta o fato de somente os tempos futuros aceitarem mesóclise, variação com formas com o auxiliar no início – *vivereyou ey a viver, viveria* ou *ia a viver* – e “coordenação” de dois verbos, a partir de uma só “terminação”.

PALAVRAS-CHAVE

Fonologia. Português Arcaico. Verbos. Compostos. Prosódia. Acento.

ABSTRACT

*This paper aims to discuss the morphophonological status of future tenses verbal forms in Archaic Portuguese. From the viewpoint of word formation, these verbal forms can be interpreted as the result of the regular inflexion of the base, or as compounds, formed by the main verb infinitive followed by an inflected auxiliary verb. Evidences are provided mainly by their prosodic behaviour, in comparison to other verbs. Although future forms are traditionally considered as simple verbal forms, their prosodic behaviour suggests that they are in fact compounds. Arguments that support this position are: the possibility of collocation of the clitic pronoun only in the middle future verbs; the variation with auxiliary initial verbal expressions (*viverey* or *ey a viver, viveria* or *ia a viver*), and the coordination of two verbs with only one future “mark”.*

KEY-WORDS

Archaic Portuguese. Verbs. Compounds. Prosod. Stress.

Introdução

O objetivo do presente artigo é discutir o *status* morfofonológico das formas futuras em Português Arcaico (de agora em diante, PA) – ou seja, as formas verbais flexionadas nos tempos Futuro do Presente e Futuro do Pretérito do Indicativo –, a partir de evidências provindas de seu comportamento prosódico. A pertinência da discussão reside em estabelecer o *status* dessas formas verbais, quanto à sua formação: se formas simples, constituídas a partir da flexão regular da base, ou se compostas, constituídas a partir da junção do infinitivo com um auxiliar flexionado.

Embora o objetivo principal deste artigo seja uma discussão teórica do assunto, considera-se como base para a análise um *corpus* constituído de

cantigas provenientes da produção lírica medieval profana e religiosa redigida em galego-português. São consideradas as 503 cantigas de amigo do **Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa**, as 310 cantigas de amor do **Cancioneiro da Ajuda** e as 420 **Cantigas de Santa Maria**, de Afonso X.

A estrutura morfológica dos tempos futuros: abordagens tradicionais

Da maneira como a questão é atualmente apresentada, para o Português Brasileiro (de agora em diante, PB), em gramáticas tradicionais (por exemplo, em Rocha Lima, 1982, p. 168) e, do ponto de vista lingüístico, desde Mattoso Câmara Jr. (1970) e em Manuais de Morfologia do Português (LAROCA, 1994; KEHDI, 1990; MONTEIRO, 1991, entre outros), considera-se que as formas verbais flexionadas nos tempos Futuro do Presente e Futuro do Pretérito do modo Indicativo constituem palavras simples, flexionadas a partir do padrão em que podem ser “encaixadas” todos os verbos portugueses: Radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal.

Com base nas afirmações de Câmara Jr. (1970, p. 104-110), pode-se construir o seguinte quadro para as formas do Futuro do Presente dos verbos regulares (exemplificados a partir dos verbos *amar*, *vender* e *partir*), nas primeira, segunda e terceira conjugações, apresentando a divisão dessas formas nos seus morfemas constitutivos:¹

(1) Futuro do Presente do Indicativo:

1ª conjugação				2ª conjugação				3ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP	Rad.	VT	MT	NP	Rad.	VT	MT	NP
am	a	re	i	vend	e	re	i	part	i	re	i
am	a	rá	s	vend	e	rá	s	part	i	rá	s
am	a	rá	ø	vend	e	rá	ø	part	i	rá	ø
am	a	re	mos	vend	e	re	mos	part	i	re	mos
am	a	re	is	vend	e	re	is	part	i	re	is
am	a	rã	o	vend	e	rã	o	part	i	rã	o

¹ Em (1) e nos quadros subsequentes, as abreviaturas Rad., VT, MT e NP significam, respectivamente, “radical”, “vogal temática”, “desinência modo-temporal” e “desinência número-pessoal”.

Já o quadro em (2) apresenta a divisão dos morfemas para as formas do Futuro do Pretérito do Indicativo:

(2) Futuro do Pretérito do Indicativo:

1ª conjugação				2ª conjugação				3ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP	Rad.	VT	MT	NP	Rad.	VT	MT	NP
am	a	ria	ø	vend	e	ria	ø	part	i	ria	ø
am	a	ria	s	vend	e	ria	s	part	i	ria	s
am	a	ria	ø	vend	e	ria	ø	part	i	ria	ø
am	a	ria	mos	vend	e	ria	mos	part	i	ria	mos
am	a	rie	is	vend	e	rie	is	part	i	rie	is
am	a	ria	m	vend	e	ria	m	part	i	ria	m

Monteiro (1991, p. 89-90 e 92-93) e Laroca (1994, p. 63-64) apresentam quadros semelhantes aos de Mattoso Câmara para essas formas verbais futuras no PB. Na lista que faz das desinências modo-temporais do PB, Kehdi (1990, p. 33) apresenta como *-rá* – (tônico), com a variante *-re* (tônico), como desinências do Futuro do Presente; *-ria* e sua variante *-rie* são as desinências do Futuro do Pretérito.

Desde cedo as Gramáticas Históricas da Língua Portuguesa mostraram que as formas futuras atuais do PB não derivam do futuro latino. Todos os gramáticos que se ocuparam da história do português são unânimes em apontar um movimento de substituição de uma forma sintética (a do futuro latino) por uma analítica, constituída da junção do infinitivo do verbo principal com o presente do indicativo (no caso do futuro do presente) ou do pretérito do imperfeito do indicativo (no caso do condicional) de *habere* – cf. Silva Neto (1970, p. 240); Ali (1971, p. 145); Coutinho (1973, p. 276-277); Williams (1975, p. 211); Nunes (1989, p. 319-320); Câmara Jr. (1985, p. 130).

Câmara Jr. (1985, p. 130) considera que a perífrase inicial acaba por se tornar uma forma simples, já que “do ponto de vista formal, houve afinal a aglutinação dos dois vocábulos, com uma redução fonética violenta das formas de *habere*”, cujo ponto de partida foi o “esvaziamento da consoante /b/ intervocálica”. No entanto, Williams (1975, p. 211) reconhece nessas formas características fronteiriças entre as formas simples e compostas:

Sua natureza simples se revela pela perda do acento do componente infinitivo nuns poucos verbos do latim vulgar, e.g. *salrei* [...], enquanto sua natureza composta se revela pela construção encontrada nos cancioneiros primitivos de dois futuros formados com uma só terminação, e.g., *direy* e *non estar* [...], e pelo contínuo uso de pronomes infixos.

A possibilidade de mesóclise é o argumento que faz com que Coutinho (1973, p. 276-277) afirme que “entre nós, nunca se obliterou a consciência da composição dêste tempo”. Já Nunes (1989, p. 319-320) reconhece a “soldadura” final entre os dois elementos componentes das formas indicativas futuras presentes e pretéritas, afirmando que, com o tempo, as formas “contractas” de *habeo* se soldaram ao infinitivo “de forma tão íntima que os dois vocábulos vieram a formar um só”. Mas reconhece que

tal soldadura, porém, nem sempre existiu; tempo houve em que os dois elementos do futuro e do condicional ainda não estavam aglutinados e que, em vez de se dizer, como hoje, *amarei*, *amaria*, se dizia, *amar hei*, *amar hia*, etc., modo de dizer que ao auxiliar *prepunha* o infinitivo, o que aliás se dava também noutras expressões, e coexistia com outro *hei amar*, *havia amar*, formado inversamente daquele e ainda existente, sobretudo na língua popular, pois que a literária actual intercalou a preposição de entre os dois elementos.

Se a “soldadura” apontada por Nunes e Câmara Jr. “nem sempre existiu”, o importante é verificar a partir de qual momento ela pode ser verificada. Reside, aí, pois, a relevância de verificar o *status* morfológico das formas futuras como compostas ou simples no PA, a que se propõe o presente trabalho.

Com relação à estrutura morfológica das formas futuras presentes e condicionais, a divisão que Mattos e Silva (1989, p. 310-313) dá aos morfemas constitutivos desses verbos – em (3) e (4) – deixa entrever que, na opinião da autora, tratava-se de formas simples, já no período medieval.²

² A ausência do radical no esquema de Mattos e Silva (1989), representada por uma sucessão de três tracinhos no quadro, não significa que essa forma não existia na língua, mas simplesmente que a autora não pôde encontrar formas dessa conjugação específica flexionadas nesse tempo/modo/pessoa/aspecto/ conjugação específicos.

(3) Futuro do Presente do Indicativo:

1ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
cal	a	re	i
acab	a	rá	s
am	a	rá	
cans	a	re	mos
ach	a	re	des
entr	a	rá	n

2ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
vend	e	re	i
entend	e	rá	s
morr	e	rá	
receb	e	re	mos
aprend	e	re	des
aparec	e	rá	n

3ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
---	i	re	i
---	i	rá	s
part	i	rá	
---	i	re	mos
---	i	re	des
posso	i	rá	n

(4) Futuro do Pretérito do Indicativo:

1ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
desej	a	ria	
cans	a	ria	s
abast	a	ria	
---	a	ria	mos
---	a	ria	des
ach	a	ria	n

2ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
---	e	ria	
---	e	ria	s
bev	e	ria	
---	e	ria	mos
---	e	ria	des
dev	e	ria	n

3ª conjugação			
Rad.	VT	MT	NP
---	i	ria	i
---	i	ria	s
part	i/e	ria	
--	i	ria	mos
---	i	ria	des
ressug	i	ria	n
consent	e		

A estrutura morfológica dos tempos futuros vista a partir de seu comportamento prosódico

Como foi visto na seção anterior, a totalidade dos gramáticos tradicionais e dos lingüistas autores de manuais de morfologia considera como simples as formas verbais do Futuro do Presente e do Futuro do Pretérito do Indicativo no PB atual. No entanto, já há algum tempo, fonólogos vêm apontando para o português atual (Mateus, 1983 e Mateus e d'Andrade, 2000, para o Português Europeu (PE), e Bisol, 1992, Massini-Cagliari, 1995 e 1999, e Cagliari, 1999, para o PB) essas formas do futuro como compostas: do infinitivo do verbo principal e, no caso do Futuro do Presente, as formas do verbo *haver*, no presente do indicativo, ou do pretérito imperfeito do verbo *ir*, no caso do Futuro do Pretérito.³

³ Diferentemente de Bisol (1992) e Mateus e d'Andrade (2000), que consideram o condicional como composto do infinitivo do verbo principal seguido do verbo *haver*, no imperfeito do indicativo.

A intuição dos fonólogos de que essas formas são, na verdade, compostas deriva da observação do seu comportamento prosódico. No Brasil, desde os ensinamentos de Câmara Jr. (1970, p. 73) quanto à função delimitativa do acento, sabe-se que o comportamento prosódico dos compostos é semelhante ao da perífrase (ou seja, ao suceder de duas palavras prosódicas independentes), por portarem tantos acentos quanto forem as bases, ao passo que as formas simples e derivadas comportam-se como apenas uma palavra fonológica, já que a elas corresponde um e apenas um acento lexical (exemplos em (5)):

- | | | | |
|-----|-------------------|----------------|-----------------------|
| (5) | a. duas palavras: | b. composta: | c. derivadas: |
| | grãnde chũva | guárda-chũva | chuvísco; chuvísquero |
| | (dois acentos) | (dois acentos) | (um acento) |

Em Massini-Cagliari (1995, 1999), propus, com base nos estudos anteriores de Mateus (1983) e Bisol (1992), que, nos tempos Futuro do Presente e Futuro do Pretérito do Indicativo, o acento primário era atribuído primeiramente a cada uma das bases componentes do composto; posteriormente, o acento mais à direita receberia o *status* de principal, dada a Regra Final, que se aplica em PB nos níveis superiores ao da palavra, fazendo com que, de todos os acentos concatenados, o último seja o mais forte – exemplos em (6).

- | | | | | | |
|-----|--------|------|--------|------|-------------|
| (6) | (| x) | (| x) | Regra final |
| | (x) | (x) | (x) | (x) | |
| | [amar] | [ei] | [amar] | [ia] | |

Com relação às formas verbais futuras no PA, propus a mesma solução.

Do ponto de vista da acentuação lexical, a maior parte dos verbos do PA segue o padrão canônico de acentuação nessa língua: paroxítonos terminados em sílaba leve – exemplos em (7) - ou oxítonos terminados em sílaba pesada - (8).⁴

⁴ Nesses exemplos, privilegia-se a forma da primeira conjugação, quando as diferenças morfológicas entre as conjugações não redundam em diferenças no padrão prosódico; caso contrário, são mostradas as formas das três conjugações. Os algarismos após a identificação do tempo e do modo correspondem à pessoa do discurso; as abreviaturas *ps* e *pp* correspondem à “pessoa do singular” e “pessoa do plural”, respectivamente.

- (7) *canto* (Presente Ind. 1ps)
canta (Presente Ind. 3ps)
cantava, devia, partia (Imperfeito Ind. 1ps/3ps)
cantara (Mais-que-perfeito Ind. 1ps/3ps)
cantaria (Futuro do Pretérito Ind. 1ps/3ps)
canta (Imperativo 2ps)
cantade (Imperativo 2pp)
cante (Subjuntivo 1ps/3ps)
cantasse (Imperfeito Subj. 1ps/3ps)
cantado (participio)
cantando (gerúndio)
- (8) *cantei* (Perfeito Ind. 1ps)
cantou (Perfeito Ind. 3ps)
cantar (Fut. Subj. 1ps/3ps)
cantar (infinitivo)

Uma análise das formas verbais flexionadas mapeadas no *corpus* mostra, no entanto, que as exceções aos padrões prosódicos acima são muitas. A maior parte dos verbos que foge a esse padrão corresponde a vocábulos paroxítonos terminados em sílaba travada. Todos os padrões de verbos paroxítonos do PA que acabam em uma marca de flexão que gera um travamento silábico estão listados em (9), explicitados em termos de tempo, modo e pessoa.

- (9) *cantas* (Presente Ind. 2ps)
cantamos (Presente Ind. 1pp)
cantades (Presente Ind. 2pp)
cantan (Presente Ind. 3pp)
cantavas, devias, partias (Imperfeito Ind. 2ps)
cantavan, devian, partian (Imperfeito Ind. 3pp)
cantaste (Perfeito Ind. 2ps)
cantastes (Perfeito Ind. 2pp)
cantamos (Perfeito Ind. 1pp)
cantaron (Perfeito Ind. 3pp)

cantaras (Mais-que-perfeito Ind. 2ps)
cantaron (Mais-que-perfeito Ind. 3pp)
cantes (Pres. Subjuntivo 2ps)
cantemos (Pres. Subjuntivo 1pp)
cantedes (Pres. Subjuntivo 2pp)
canten (Pres. Subjuntivo 3pp)
cantasses (Imperfeito Subj. 2ps)
cantassen (Imperfeito Subj. 3pp)
cantares (Futuro Subj. 2ps)
cantarmos (Futuro Subj. 1pp)
cantardes (Futuro Subj. 2pp)
cantaren (Futuro Subj. 3pp)

Note-se que, nas formas verbais citadas em (9), os morfemas flexionais (desinências) nunca recebem acentuação. A vogal temática verbal parte, obviamente, do tema do verbo, não tem *status* de desinência; pode, portanto, ser suporte do acento. Para dar conta desse fato, bastaria formular uma restrição, proibindo a atribuição do acento a desinências verbais.

Na tentativa de expressar restrições dessa natureza, abordagens derivacionais recorrem à noção de extrametricidade, uma estipulação de “invisibilidade” de certos elementos para regras de atribuição de acento. Especificamente para este caso, em um trabalho anterior (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 176), formulei a seguinte estipulação:

(10) Extrametricidade nos verbos:

Marque como extramétrica a coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Note-se que a estipulação acima não está definida em termos da invisibilidade da desinência em si, mas de um segmento específico, que carrega *status* de flexão – de relevância semântica, pois. Nesse sentido, nas desinências número-pessoais de 1ª e 2ª pessoas do plural, *-mos* e *-des/-tes*, respectivamente, apenas o /S/ final é extramétrico, porque somente esse segmento, na desinência como um todo, posiciona-se na coda. Essa solução foi formulada, naquele momento, para dar conta não somente da previsão

do posicionamento do acento nas formas verbais citadas em (9), mas também das formas da 2ª pessoa do singular e da 3ª pessoa do plural do Futuro do Pretérito do Indicativo, nas quais o acento recai sobre a desinência – (11).

- (11) *cantarias* (Futuro do Pretérito Ind. 2ps)
cantarian (Futuro do Pretérito Ind. 3pp)

O problema com a solução adotada está em considerar as formas do Futuro do Pretérito como sendo simples, flexionando-se segundo o padrão canônico do Português (desde aquela época até os dias de hoje): radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal. Nesse caso, e tradicionalmente, a desinência modo-temporal do Futuro do Pretérito do Indicativo é identificada como sendo *-ria*.

Ora, acontece que as formas do Futuro do Pretérito, ao invés de estabelecerem um paralelo, em termos de comportamento flexional, com as formas “simples” (todas as citadas em 7, 8 e 9), aproximam-se mais das formas do Futuro do Presente do Indicativo, considerado, em Massini-Cagliari (1999, p. 181), como compostas do infinitivo do verbo principal seguido da forma flexionada no verbo *aver* no Presente do Indicativo – (12). Como compostas, essas formas possuiriam dois acentos, um para cada base; no estabelecimento da relação de proeminência entre esses acentos, o segundo tem precedência, seguindo o padrão do PA.

- (12) cantár + éi
 cantár + ás
 cantár + á
 cantár + émos
 cantár + édes
 cantár + án
 infinitivo Presente do Indicativo do verbo *aver*

Os argumentos a favor de considerar esses dois tempos como compostos são a variação entre formas do tipo *vivereye ey a viver*; *viveria e ia a viver* e possibilidade de mesóclise apenas nesses dois tempos: *ir-m'ei*, *ir-m'ia*, *assanhar-m'ei*; *assanhar-m'ia*, *vee-lo-á*; *vee-lo-ia*; *vee-lo-emos*; *vee-lo-edes*. Desta

forma, no PA, as formas do futuro e do condicional divergem de todas as outras formas verbais pela existência de fronteiras entre as bases que, por um lado, desencadeiam a aplicação do acento lexical reiteradamente a cada base e, por outro, facultam a inserção de clíticos entre essas fronteiras, fato absolutamente impossível às formas dos demais tempos e modos.

Corroborar esta posição a seguinte afirmação de Michaelis de Vasconcelos (1904, p. XXII): “No futuro e condicional o acento recaía ora no infinitivo, ora no auxiliar, conforme as exigências do ritmo e suas pausas”. A esses argumentos, pode ser somada a observação de Williams (1975, p. 211) de que, nos “cancioneiros primitivos”, é possível a “coordenação” de dois futuros, a partir de uma só “terminação”: *direy e non estar*.⁵

Conclusão

Diante dos argumentos arrolados na seção anterior, conclui-se que, de fato, como já havia apontado Nunes (1989), a “consciência da composição” das formas verbais futuras ainda não havia se perdido no período medieval, fato que pode ser comprovado pelo seu comportamento prosódico de “duas palavras”, ou seja, de formas compostas (e não simples ou derivadas). Deste modo, as formas do Futuro do Presente do Indicativo no PA devem ser consideradas como compostas do infinitivo do verbo principal, seguida da forma do verbo *aver* no Presente do Indicativo. Da mesma maneira, os verbos no Futuro do Pretérito são formas compostas no PA, do infinitivo do verbo principal seguido do auxiliar, flexionado no Pretérito Imperfeito do Indicativo do verbo *aver* (*ia, ias, ia, íamos, edes, ian*). Com relação à identidade do auxiliar, não é possível afirmar que, no PA, já havia se verificado a reanálise do auxiliar do Futuro do Pretérito como *ir*; dada a ocorrência da forma *edes* (própria do verbo *aver*) como marca da 2ª pessoa do plural.

Sendo assim, o movimento de retorno a uma forma sintética para os verbos futuros, apontado pelos gramáticos históricos na passagem ao latim ao PB atual, ainda não havia se verificado no período medieval do português, já que, por serem compostos, os Futuros do Presente e do

⁵ Embora aventada por Williams (1975), esta possibilidade, no entanto, não foi mapeada no *corpus* desta pesquisa.

Pretérito do Indicativo são ainda analíticos. E, diante da intuição dos fonólogos atuais que se ocuparam do assunto de que são formas compostas ainda no PE e no PB atual, fica a questão: teria mesmo acontecido algum retorno à síntese, com relação ao português atual? Deste ponto de vista, não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO X, O SABIO. **Cantigas de Santa María**. Edición fac-símile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.

ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**. Edición facsímil del código T.I.1 de la Biblioteca de San Lorenzo el Real de El Escorial, siglo XIII, 2 v. Madrid: Edilan, 1979.

ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**. Edición facsímil del código B.R.20 de la Biblioteca Centrale de Florencia, siglo XIII, 2 v. Madrid: Edilan, 1989-1991.

ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

ANGLÉS, H. **La Música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el Sabio**. Facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1943-1964.

BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 22, p. 69-80, 1992.

CAGLIARI, L. C. **Acento em Português**. Campinas: edição do autor, 1999. (Coleção Espiral).

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [1ª edição: 1970].

CÂMARA JR. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CANCIONEIRO da Ajuda. Edição Fac-similada do código existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994.

CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional; Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. (Colocci-Brancuti). Cod. 10991.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. ed., rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

KEHDI, V. **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática, 1990.

LAROCA, M. N. C. **Manual de Morfologia do Português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo**: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. 1995. Tese (Doutorado) – Campinas: Unicamp, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores**: três momentos da história do acento. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MATEUS, M. H. M. O acento de palavra em português: uma nova proposta. **Boletim de Filologia**. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, p. 211-229, 1983.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, Ernesto. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas Trecentistas** – Elementos para uma Gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MICHAËLIS, C. de V. **Cancioneiro da Ajuda**. Edição de Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 1991.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa** – Fonética e Morfologia. 9. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

SILVA NETO, S. da. **História da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. [1ª edição: 1957].

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Araraquara, março de 2006.

SOBRE A AUTORA

Gladis Massini-Cagliari é doutora pela Universidade Estadual de Campinas e Livre Docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou pós-doutorado Oxford University Linacre College, OXFORD UNIVERSITY, Grã-Bretanha. Bolsista de produtividade do CNPq. Líder do grupo de pesquisa Fonologia do Português Arcaico e membro do grupo de pesquisa Grupo de Estudos em Lingüística Histórica. Autora de vários artigos publicados em periódicos internacionais, dentre eles: *Revisitando o Acento do Português Arcaico a partir de uma Abordagem Otimalista: o Padrão dos verbos*; *Language Policy in Brazil: Monolingualism and Linguistic Prejudice*; *A Silabação da Seqüência a+i em Português Arcaico: uma Abordagem Otimalista da Distinção entre Ditongos e hiatos*. Autora de vários livros, dentre os quais: *Acento e Ritmo*; *O Texto na Alfabetização: Coesão e Coerência*; *Poético ao Lingüístico no Ritmo dos Trovadores: Três Momentos da História do Acento*, Co-autora dos livros: *Diante das Letras: a Escrita na Alfabetização*, *Descrição do Português: Lingüística Histórica e Historiografia Lingüística*, *Estudos de Lingüística Histórica do Português*.